



VIOLÊNCIA ESTRUTURAL, PRÁTICAS DE CURA E SAÚDE MENTAL EM JOVENS INDÍGENAS E QUILOMBOLAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA NO MACIÇO DE BATURITÉ

Luan Rodrigues Do Nascimento¹
Ezequiel Nunes De Lima²
Sandra Patrícia Acosta Salazar³
Eduardo Moreno Brenha⁴
James Ferreira Moura Junior⁵

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa: VIOLÊNCIA ESTRUTURAL, PRÁTICAS DE CURA E SAÚDE MENTAL EM JOVENS INDÍGENAS E QUILOMBOLAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA NO MACIÇO DE BATURITÉ. O projeto foi desenvolvido na Comunidade Quilombola Serra do Evaristo, em Baturité-CE. Foram executados uma imersão onde proporcionou a realização de questionários, entrevistas semiestruturadas, círculos de cultura e diários de campo como técnicas produtoras de sentido. O projeto teve como resultados alcançados a construção de oficinas culturais que proporcionou a construção de um mini-doc Filme Serra do Evaristo, produzido e atuado pelas (os) estudantes da escola, gerando maior engajamento com a pesquisa. Além disso, as entrevistas e os questionários aplicados, foram essenciais para construirmos uma discussão acerca da saúde mental dos estudantes, assim como, alinhada com a comunidade, visto que são outros atravessamentos que lhe ocasiona, e assim, conseguimos identificar a partir dos relatos e dados dos questionários as formas de curas, de violências estruturais e sociabilidades.

Palavras-chave: Práticas de Cura;; Violência Estrutural; Educação.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, Instituto de Humanidades, Discente, luan.rodrigues@aluno.unilab.edu.br¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, Instituto de Humanidades, Discente, znunes@aluno.unilab.edu.br²

Universidade Federal do Ceará - UFC, Instituto de Humanidades, Discente, sandrap.acosta@gmail.com³

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, Instituto de Humanidades, Discente, morenoeduardo579@gmail.com⁴

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, Instituto de Humanidades, Discente, james.mourajr@unilab.edu.br⁵

INTRODUÇÃO

O Nordeste brasileiro tem recorrido aos saberes tradicionais orientados às práticas de cura para o enfrentamento das consequências das violências e das violações de direitos humanos que afetam a vida comunitária, particularmente a saúde mental de jovens e lideranças. Assim, tem-se o objetivo de desenvolver um programa de promoção de saúde mental baseado em práticas de cura tradicionais com estudantes indígenas e quilombolas como estratégias de enfrentamento às consequências da violência estrutural em cidades do Maciço de Baturité.

Em cenários de desigualdades sociais há, conseqüentemente, grupos populacionais que são mais expostos a riscos para o desenvolvimento ou agravo de transtornos mentais, isto é, ficam mais vulneráveis ao sofrimento psíquico. Portanto, a interseccionalidade se dá pela compreensão das desigualdades sociais na contemporaneidade como convergentes, e não encarando uma variável de forma independente. Segundo Bilge (2009, p. 70), o enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais. Nesse sentido, ao recorrer a interseccionalidade, é possível (re)construir vivências, marcos históricos, percepções culturais e, assim, investigar aspectos pouco explorados de grupos subordinados, bem como evidenciar potencialidades e particularidades evitando generalizações (Cardoso, 2012; Pochay, 2011).

METODOLOGIA

O método se caracteriza por um delineamento metodológico de caráter misto com jovens quilombolas do Evaristo em Baturité. Utilizaremos questionário, entrevistas semiestruturadas, círculos de cultura e diários de campo como técnicas produtoras de sentido. Os questionários serão analisados por meio de estatísticas descritivas e multivariadas. Após transcrição de todo o corpus textual, o material será analisado e categorizado pelo software Atlas.ti (Kluber, 2014). Será proposto, aplicado e avaliado um programa de promoção de saúde mental focado nas práticas de cura. Espera-se que as intervenções produzidas ao longo da pesquisa atuem na redução dos impactos da violência estrutural nas escolas indígenas e quilombolas, assim como na promoção de processos de cura que atuem na promoção da saúde mental.

A produção de um curta-metragem foi pensada como ferramenta de engajamento dos jovens, tendo a comunicação como elemento presente em suas vidas cotidianas e também como elemento educativo, que possibilita a captação e transmissão de dados, informações e narrativas que pertencem a cultura e a história de um lugar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola Osório Julião, tem uma preocupação com o desenvolvimento integral dos alunos. Sempre em nossas visitas à comunidade, era solicitado pelo diretor da Escola, o Professor Evandro, um momento de escuta com estudantes que identificava-se alguma necessidade e assim, dois ou três Psicólogos do grupo de estudo, se organizavam e se dividiam com o intuito de contribuir com uma escuta ética e empática. Aos alunos que apresentavam alguma urgência nos cuidados, era realizado encaminhamento para o processo de psicoterapia com psicólogo que se disponibilizasse a atender de forma online, gratuita e semanalmente esses jovens. Essa parceria entre a Universidade e o Quilombo é um compromisso ético possível através de intermédio do grupo de extensão e pesquisa, junto com lideranças e comunidades.

No dia que fomos passar o curta na comunidade, mais especificamente na escola, foi organizado uma sala com a data show, cadeiras em círculos e os alunos, dentre eles estavam os que participaram do documentário junto aos professores. Explicamos o processo de construção do curta, das dificuldades enfrentadas e do



resultado final. Pedidos para que começassem logo surgiram. Enfim, o curta foi exibido. Entre lágrimas nos olhos risos, o curta foi orgulhosamente devolvido a quem ajudou a construir. O encantador e bonito desse momento é que o curta foi sob a narrativa de vida deles. Ao final, todos aplaudiram. Os atores estavam bem ali, felizes com o que fizeram e certos de que assim como no filme, é por meio do coletivo que eles se fortalecem e contam suas histórias. Em seguida, as pessoas presentes foram convidadas a relatarem qual o sentimento, opinião ou sensação de ter se visto no curta de forma direta ou indireta. “Um filme nosso. Com a nossa cara” disse um aluno. “As pessoas lá fora vão conhecer o nosso quilombo e a nossa escola. Eu gostei.” afirmou a aluna. Nós fizemos um filme. “É pra gente se orgulhar disso, né”, contribuiu o aluno em meio a muitas risadas. Foi um momento de troca muito significativo.

Diferente de outras escolas, a Osório Julião tem um papel norteador importante na vida dos alunos. A instituição é uma espécie de elo, ou seja ela faz uma conexão entre a comunidade e a sociedade, fortalece as tradições e mantém viva as memórias dos antepassados. A escola tem a função de formar de maneira crítica e consciente as novas gerações de quilombolas, criando-se dessa forma, um espaço seguro de acolhimento para eles. A ideia na escola é discutir sobre racismo por exemplo de forma que o aluno enquanto vítima do preconceito e da opressão que o racismo provoca possa compreender e entender o seu papel e o seu protagonismo. Sobre a escola ser um local seguro o aluno Paulo Lins afirma que “uma vez, faz muito tempo isso, um menino que estudava aqui na escola, mas não era quilombola ficou rindo do meu cabelo. Eu lembro que eu chorava muito e um professor viu. Na mesma hora fomos para a direção, conversamos e depois disso, um trabalho sobre respeito às diferenças foi iniciado na escola inteira. Eu me senti muito importante”.

A escola onde Paulo estuda tratou o caso de racismo com orientação e conhecimento, onde é possível passar as tradições e ensinamentos geracionais e estabelecer um movimento onde os alunos possam ser eles mesmos. Essa prática foi possível, pois se reconhece como uma escola anti-racista. Evidencia-se a importância da consolidação de políticas sociais que busquem reparar os danos históricos e sociais de grupos marginalizados, promovendo saúde mental a partir dos seus conhecimentos ancestrais a partir de práticas de cura. Desse modo, propõe-se que as políticas e as ações governamentais objetivem a saúde mental e o bem-estar de sujeitos que social e historicamente foram colocados em situação de subalternização, de modo que o cuidado a estes seja uma das formas de reparação e de humanização dos grupos historicamente violados em seus territórios e comunidades.

3.2 Práticas de Cura

Pensarmos em cura, ainda é possível, uma associação do termo através da lógica biomédica que associa a cura à ausência de sintomas. Para o Quilombo do Evaristo, assim como para as comunidades remanescentes, a cura vem da natureza, do que é sagrado, do contato com o Humano. As danças, os rituais, as plantas medicinais, a farmácia viva, são práticas de cura. Como bem exemplifica o aluno Oswaldo de Camargo quando se refere ao que faz para cuidar da sua saúde mental “participo do grupo dos tambores da resistência, participo do grupo de jovens também e o que mais gosto de fazer é jogar futebol, assim ocupo minha cabeça com essas atividades”.

A humanidade, desde seus primórdios, vivia em maior integração com a natureza, e os processos de cura eram essencialmente empíricos, tendo como pano de fundo uma estrutura mitológica, que até hoje se faz presente em algumas populações mais tradicionais e mesmo em meios considerados civilizados. Essas práticas permanecem, nos dias atuais, de um lado, em estreita relação com o aprendizado das diversas forças da natureza transmitidas através da oralidade, e de outro, com as crenças em forças sobrenaturais, advindas das tradições religiosas (Aguiar, 2010).

A relação da comunidade quilombola da Serra do Evaristo com a natureza é muito intensa, é da agricultura que muitas famílias sobrevivem, das plantas são produzidos remédios e chás que curam e aliviam sintomas,

dos espaços naturais que são utilizados para lazer da comunidade. A aluna Stela do Patrocínio, diz que uma forma de se conectar com ela mesma e com a sua comunidade é “gosto muito de ouvir música, olhar a natureza, estar com os meus amigos e faço parte do grupo de jovens também”, lá conversamos sobre assuntos que me fazem refletir”.

A tarefa constituinte do programa de promoção de saúde mental a partir das práticas de cura consiste em tentar compreender a realidade a partir da perspectiva dos próprios povos (Martin Baró, 1996). Evidencia-se que tal tarefa uma postura e um compromisso ético-político para com os jovens quilombolas (Goes, Ximenes & Moura, 2015), Ao buscar desenvolver programas de promoção de saúde mental com jovens quilombolas na escola, é necessário usar metodologias participativas de forma conjunta com os sujeitos, questionando privilégios junto às pessoas historicamente situadas em processos de subalternização colonial (Adams, Dobles, Gómez, Kurtis & Molina, 2015). considerando os atravessamentos interseccionais de raça, de classe e de gênero.

Outro destaque de ações da instituição é a possibilidade de resgate de estratégias de resistência desenvolvidas historicamente contra as opressões, interseccionando a classe com a raça e com o gênero. Assim, ressalta-se que é possível realizar um processo de recuperação da memória histórica com ênfase em práticas de cuidado comunitário e social, a partir de abordagens relacionais culturalmente significativas (Atallah et al., 2018). As práticas de cuidado individual e coletivo ficam evidentes quando a comunidade utiliza do que a própria natureza dispõe e oferece. As relações interpessoais representadas nas reuniões do grupo de jovens, bem como as expressões artísticas, como a dança de São Gonçalo, são elementos que promovem bem estar e fortalece os cuidados com a saúde mental. O grupo de jovens acontece aos domingos no salão paroquial da única igreja católica da comunidade. A dança de São Gonçalo é uma representação artística que envolve toda a comunidade, dos mais antigos aos jovens. Mais um movimento coletivo, que tem como objetivo a manutenção das tradições e o fortalecimento da identidade da comunidade Quilombola da Serra do Evaristo.

CONCLUSÕES

Os resultados obtidos na pesquisa foram de encontro com os objetivos, mesmo tendo que realizar algumas mudanças em certos pontos para chegarmos até aqui, o caminho percorrido conseguiu suprir as necessidades do que pretendíamos. Com isso, realizamos os encontros nas escolas, juntamente com as aplicações dos questionários, entrevistas e oficinas. Os encontros foram marcados pela afetividade e receptividade dos estudantes e das escolas, com grande interesse nos debates teóricos realizados, possibilitando a realização de uma pesquisa participante que pudesse diminuir o estigma de pesquisador e pesquisador. Além disso, os encontros contaram com oficinas culturais e construção de material audiovisual, como o curta-metragem Filme Serra do Evaristo, produzido pelas/os estudantes, gerando maior engajamento com a pesquisa. Os dados apresentados foram essenciais para construirmos um debate atual e necessário acerca da saúde mental dos estudantes de comunidades tradicionais, visto que são outros atravessamentos que lhe ocasiona, e assim, conseguimos identificar a partir dos relatos e dados dos questionários as formas de curas, de violências estruturais e sociabilidades.

AGRADECIMENTOS

Iniciamos agradecendo as pessoas que direta e indiretamente são o suporte para o desenvolvimento dessa pesquisa, sobretudo as/os moradoras/es da Comunidade Quilombola Serra do Evaristo; estudantes e núcleo



gestor da Escola Osório Julião; Fabiana e família; e outros cidadãos que financiam através de seus impostos a produção epistemológica desse país mesmo sem terem a oportunidade de adentrar uma Universidade. À Unilab, ao Instituto de Humanidades e a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPPG; Ao Programa de Pesquisas do Sistema Único de Saúde - PPSUS; ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica - PIBICT; À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP; À Rede de Estudos e Afrontamentos das Pobrezas, Discriminações e Resistências - reaPODERE); ao coordenador Prof^o Dr^o James Ferreira Júnior e às pesquisadoras Larissa Niemann Pellicer e Juliana Murta de Lima.

REFERÊNCIAS

- Adams, G., Dobles, I., Gómez, L. H., Kurtiş, T., & Molina, L. E. (2015). Decolonizing Psychological Science: Introduction to the special thematic section. *Journal of Social and Political Psychology*, 3(1), 213-238. <https://doi.org/10.5964/jspp.v3i1.564>.
- Atallah, D. G. (2017). Um estudo qualitativo baseado na comunidade de resiliência intergeracional com famílias de refugiados palestinos que enfrentam violência estrutural e trauma histórico. *Psiquiatria transcultural*, 54 (3), 357-383.
- Goes, N. A., Ximenes, V. M., & Moura Jr., J. F. (2015). Relações da Psicologia Comunitária com a Libertação a partir da dialética dominação-opressão. *Teoría y Crítica de la Psicología*, (6), 140-161.
- Lykes, M. B., & van der Merwe, H. (2017). Exploring/Expanding the reach of transitional justice: Editorial note. *International Journal of Transitional Justice*, 11(3), 371-377. doi: 10.1093/ijtj/ijx026
- Klüber, T. E. (2014). Atlas/ti como instrumento de análise em pesquisa qualitativa de abordagem fenomenológica. *ETD-Educação Temática Digital*, 16(1), 5-23.